

Narrativas da Contemporaneidade: Epistemologia do Diálogo Social

Cremilda Medina

Jornalista, pesquisadora e professora titular aposentada/sênior da Universidade de São Paulo, é autora de 15 livros e organizou 52 coletâneas. Numa perspectiva interdisciplinar, sua obra colhe os desafios paradigmáticos do Saber Plural e traz para a comunicação social e o jornalismo a teoria-prática que registra em seu mais recente título: *Atravessagem, reflexos e reflexões na memória de repórter* (Summus Editorial, 2014).

Resumo: O prazer pela narrativa surge na infância da autora e vai se disciplinar ao longo dos estudos acadêmicos e profissionalização no Jornalismo. Teoria e prática da reportagem, ou das **narrativas da contemporaneidade**, se enraízam nos anos 1960, em Porto Alegre, mas, após a mudança para São Paulo, em janeiro de 1971, terão um intenso desenvolvimento tanto na pesquisa universitária quanto no exercício da comunicação social. Nas etapas dessa trajetória, recuperam-se aqui diferentes momentos da dialogia, eixo central de investigação fixado em livros de Cremilda Medina e coletâneas por ela organizadas. Em síntese, apontam-se os seguintes desafios epistemológicos: responsabilidade social nas mediações do jornalista; pesquisa da narrativa cúmplice com a polifonia; visão de mundo e atitude abertas à complexidade racional, à sensibilidade intuitiva e à estética inovadora; intercâmbio interdisciplinar com outras áreas de conhecimento no contexto de paradigmas em crise e construção de novas noções para operar o **Diálogo Social**. De oficinas pedagógicas nas universidades brasileiras e do Exterior, resulta a defesa do **autor da assinatura coletiva**, presente nas **narrativas da contemporaneidade**. Já tive a oportunidade de registrar em um de meus livros (MEDINA, 2003) que a narrativa expressa a necessidade de reagir ao caos da história, criando um cosmo simbólico. O que mobiliza a produção cultural, ou seja, a autoria da narrativa organiza e atribui significados ao acontecer cotidiano ou aos fatos extraordinários. Ideias, comportamentos, ação coletiva compõem a cena simbólica da narrativa. Além disso, quando o autor age com inteligência plena – razão complexa, sensibilidade intuitiva e estética inovadora – cria um ou vários narradores para darem conta da pluralidade de protagonistas da circunstância humana.

Memória de infância

A sedução pela narrativa e pelo narrador desperta na infância. No meu caso, havia dois contadores de histórias, um na ancestralidade literária, outro na experiência oral direta. O da ancestralidade vinha da ascendência de meu pai, José Pereira de Araújo, sobrinho neto do escritor português Alexandre Herculano Carvalho e Araújo. Falava-se dele na casa do avô paterno, em Portugal, quando criança. Mas só vim a desbravar os romances de Herculano na adolescência, já radicada em Porto Alegre. Em Eurico, o Presbítero, naveguei nos parágrafos revoltos da narrativa romântica; o esforço, no ginásio brasileiro, para acompanhar a literatura do século XIX era embalado pelo estranho sentimento de que esse escritor vinha me falar numa locução difícil, mas ao mesmo tempo encantava porque pertencia à linhagem familiar.

A sedução presente no meu cotidiano, porém, vinha do avô materno, pois não só morava em sua casa até os dez anos em Portugal, como ele se mudou para a casa dos meus pais, no Brasil, tão logo a família se instalou em Porto Alegre, em 1953. A mãe, Joaquina, não resistiu à separação e exigiu que meu pai bancasse a radical migração dos dois idosos sogros da beira do Atlântico e do rio Douro, para a beira do rio Guaíba. Ganhei eu um tesouro narrativo. Vô Manuel encenava narradores agachado: magrinho, flexível, pulava e mudava de posição no palco que improvisava para dar dicção e gestos aos personagens da estória que contava. Já conhecia esse talento de meus verdes anos em Gaia e o deslumbramento perante a oratura depois dramatizada em terras gaúchas persistiu toda a adolescência até sua morte no final dos anos 1950. Havia nessa criativa autoria um movimento dialógico inspirador: Manuel sabia como ninguém interagir com qualquer personagem imaginário ou visitante que chegasse a casa ou no encontro com pessoas na rua. A força narrativa se expressava no corpo inteiro. Não que a palavra não fosse importante, mas ele ia além do código linguístico. Pessoa simples, de profissão urbana não nobre – pintor de automóveis –, sua oratura se alimentava também de escrituras artísticas com um deleite que era visível no brilho dos olhos azuis. Pois bem, a inventiva do avô mantinha um diálogo constante com diferentes expressões da arte. Companheiro constante da moleca, vô Manuel me levava ao cinema, ao teatro, aos concertos da sinfônica gaúcha. Percebo hoje o casamento perfeito entre a oratura e a literatura. (Muito mais tarde, descobriria o valor da oralidade entendida como oratura, quando trabalhei na África nos anos 1980 e me defrontei com comunidades ágrafas que não se registram na literatura, mas criam na oratura; por outro lado também encontrei na literatura a profunda inspiração na oralidade identitária de um povo, o que passei a nomear Gesto da Arte.)

Cena viva da ação social

Desconfio, então, que aí se situa a ênfase da cena viva da narrativa que viria a propor pedagogicamente no segundo e terceiro graus. Os eixos centrais: narradores dialógicos e ação

dramática. Interrogante que se impôs no aperfeiçoamento e estudos de vida inteira: afinal, as sociedades democráticas não precisam de mediadores autorais inspirados para promover o Diálogo Social? Talvez seja esse o desafio que me persegue desde a decisão de assumir a Comunicação Social como profissão e o compromisso como educadora nos dois cursos em que ingressei na Universidade Federal do Rio Grande do Sul em 1961, Jornalismo e Letras Clássicas. A mudança para São Paulo, no início dos anos 1970, trouxe inúmeros frutos. Um deles, o privilégio de desenvolver a pesquisa da linguagem dialógica e os laboratórios de Narrativas da Contemporaneidade, tema de que passo a tratar num certo recorte de tempo. Sou levada a transitar também da memória doméstica para a confluência da pesquisa acadêmica com a prática comunicacional, uma Atravessagem que acabo de documentar em livro (2014).

Duas experiências decisivas se desenvolvem graças à cultura de pesquisa que caracteriza a Universidade de São Paulo desde sua fundação em 1934. Na primeira fase (1971-1975), quando vim da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como docente contratada em 1967 e assumi a disciplina de Jornalismo Interpretativo na Escola de Comunicações e Artes da USP, lançaram-se os alicerces da reportagem-ensaio, o que viria a receber acréscimos coletivos na pesquisa em graduação e pós-graduação na ECA e em outras universidades no Brasil e América Hispânica por onde passei a circular. A ruptura política que provocou a saída da USP em 1975 ganharia um laço de continuidade dez anos depois ao retornar à docência, pesquisa e extensão. Com o doutorado em 1986, a segunda fase terá considerável ampliação na pós-graduação. A rigor nunca estabeleci fronteiras entre graduação e pós para o laboratório de dialogia. No curso de Jornalismo, de 1986 a meio da década seguinte e daí em diante na disciplina interdisciplinar Narrativas da Contemporaneidade até 2011; e na pós-graduação, a proposta inter e transdisciplinar da Crise de Paradigmas e o Saber Plural, os alunos sempre partilham conteúdos comuns.

Com os jovens da graduação e com o Programa da Terceira Idade da USP, uma proposta oficial passou a considerar os fundamentos epistemológicos da narrativa aplicada à Reportagem. Na verdade, esse era o núcleo de pesquisa já em 1967, quando fui chamada à docência na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Como assistente de catedrático, orientava os alunos na disciplina técnica que produzia o Jornal Escola. À partida, não me satisfazia o fato de apenas transferir subsídios das técnicas convencionais tanto no que tange a captação de informações quanto à redação e edição jornalísticas. Foi exatamente a motivação da pesquisa e da construção de novos conhecimentos que me moveu a procurar a Universidade de São Paulo no início dos anos 1970, onde se anunciava a implantação do primeiro curso de pós-graduação em Ciências da Comunicação.

Em janeiro de 1971 cheguei de mudança à capital paulista e trazia na bagagem acadêmica o projeto para o mestrado, nomeado A estrutura da mensagem jornalística (que, na metamorfose da pesquisa, se cumpriu em 1975, com a defesa do primeiro mestrado da Escola de Comunicações e Artes e, por consequência, se tornaria a primeira dissertação da América Latina). Logo a seguir, publicaria a

primeira edição de Notícia, um produto à venda – Jornalismo na Sociedade Industrial (atualmente na Summus Editorial).

Não fossem as mazelas da ditadura, hoje tão lembradas aos 50 anos do golpe militar de 1964, que provocaram a saída da universidade em 1975, teria continuado sem interrupção acadêmica a escavação teórica da dialogia e paralelamente a prática das narrativas da contemporaneidade. Afinal, antes do livro acima citado, editamos na ECA, Paulo Roberto Leandro e eu, A arte de tecer o presente (1973), um estudo sobre a reportagem jornalística no Brasil, paralelamente à incursão de Tom Wolfe no novo jornalismo norte-americano. Em linhas de pesquisa diferentes, íamos à Teoria da Interpretação, colhendo subsídios em Marx, Nietzsche e Freud. Criamos então parâmetros para ler tendências nas reportagens dos principais jornais brasileiros: protagonismo (perfis, histórias de vida), contextos sociais, raízes histórico-culturais e diagnósticos-prognósticos das fontes especializadas.

Voltaria a esse título, já no século XXI, para reafirmar a narrativa e o cotidiano da arte de tecer o presente (2003). Não se tratava, porém, da reedição do livro artesanal de 1973 e sim, de uma perspectiva enriquecida pela epistemologia, pela prática do diálogo social e pela inspiração do contato com a Arte. Apesar da interrupção acadêmica em 1975, por motivos políticos – a volta à USP se deu em 1986 -, os dez anos de exclusiva dedicação ao mercado profissional externo não interromperam a inquietude teórica.

A intensa vivência pragmática na reportagem e na edição do jornal O Estado de S. Paulo acentuou a necessidade da dialogia, justamente numa sociedade que vivia o autoritarismo explícito. No exercício de atrito diário foi possível reafirmar constantemente que a narrativa da contemporaneidade não provém de brilho formal, de malabarismos literários. Pelo contrário, a origem inspiradora do que se escreve sobre o mundo nasce na oratura captada no mundo vivo. Organizar – editar e narrar – o caos conflitivo das múltiplas vozes (polifonia) e dos múltiplos significados (polissemia) que o repórter (e/ou comunicador social) colhe na rua é um ato subversivo para os porta-vozes monológicos do poder. Nesses dez anos, como redatora, como editora e como repórter especial, junto à equipe com que trabalhei no Estadão, sentiram-se muito de perto riscos e prazeres da narrativa dramática da cena coletiva que a Reportagem ensaiava narrar.

O signo da relação

A volta à USP, em 1986, pela primeira vez em tempo integral na Academia, favoreceu o amadurecimento da teoria e prática da linguagem dialógica, tema do doutorado neste mesmo ano. Da tese se extraiu a parte teórica, O Diálogo Possível, a que a Editora Ática acrescentou a palavra Entrevista. Embora não rejeite esse rótulo apostado à dialogia, não considero a técnica da entrevista como o principal suporte do signo da relação ou do ato comunicativo. Propus na primeira parte da tese, intitulada Modo de ser, mo'dizer, narrativas de Higienópolis em que protagonistas sociais do

bairro e suas histórias se moviam no presente e nas raízes históricas do primeiro empreendimento imobiliário do País.

Socializei com os alunos (principalmente na graduação) os textos inéditos e os laboratórios pedagógicos que passei a desenvolver na segunda etapa uspiana propunham o contato com o mundo vivo e a observação como comportamentos que ampliam sobremaneira o código linguístico das perguntas e respostas da entrevista. O contato e a observação da cena real desafiam a produção simbólica para a compreensão complexa, diga-se, contraditória, conflitiva e exige do repórter a desconstrução de travas ideológicas alimentadas por certezas. Sem falar nas demais atrofias que os estudos contemporâneos – principalmente oriundos das neurociências – nos apontam. Entre vários autores a consultar, nesse sentido, cito quatro: Damásio (1996), Restrepo (1998), Del Nero (1997) ou Taylor (2008).

Os alunos, estimulados por essas inquietudes, em lugar de reforçarem o aprendizado da gramática jornalística transposta para velhos e novos meios de comunicação, têm dedicado a atenção a questões de fundo da comunicação social. Sinteticamente, diria em palavras-chave: visão complexa, sensibilidade intuitiva e comportamento solidário perante a circunstância humana. Desse laboratório epistemológico e dos valores exercidos na dialogia, gerações de estudantes de graduação produziram 27 livros da Série São Paulo de Perfil como resultado semestral ou anual. Aproximadamente 500 autores experimentaram uma prática dialógica, aferida, inclusive, em intercâmbio com leitores da escola pública noturna de segundo grau na zona Sul de São Paulo. O projeto de pesquisa da recepção, firmado com a Secretaria Estadual de Educação, resultou em vários indicadores positivos para a leitura interativa, mas acima de tudo reafirmou a proposta das narrativas da contemporaneidade: os leitores preferem a cena viva do contexto social, a ação dramática dos protagonistas anônimos e suas falas (outra vez, a oratura) que os repórteres colhem da vida cotidiana e transcriam em narradores cúmplices para contar sua aventura, que não são simplesmente transcrições de máquinas, do velho gravador ou de equipamentos atualizados.

Por outro lado, os mesmos leitores descartavam os relatos conceituais, as entrevistas que reproduzem o mundo das ideias; passavam ao largo também do quantitativismo estatístico, dos gráficos descarnados. Preferiam, sim, histórias humanas que se reencenam numa narrativa sensível tal qual a poética apresenta na literatura, no teatro, no cinema, na música, nas artes plásticas. Uma experiência, enfim, que já está relatada em meus livros, mas também aprofundada em dissertações e teses de doutorado como as de Alex Sander Alcântara Lopes de Santana (2009), Katiúscia Lopes (2010) e Raúl Osorio Vargas (2003).

Há de se sublinhar que a sintonia entre Repórter e Artista na teoria e prática do Diálogo Social desperta a sensibilidade cúmplice do primeiro quando exposto à fruição do segundo. Lugar comum muito apregoado, efetivamente o Gesto da Arte é a antena profunda de um povo. Daí propor, em paralelo ao contato direto da reportagem, a inspiração por meio do convívio com obras de arte. No lugar da inspiração literária somente no ato de redação, a conexão constante com os artistas sensibiliza

o trânsito do repórter na sociedade, favorece sobremaneira o signo da relação. Todo o jornalismo é literário, já que se vale da escrita (lato senso, não importam os códigos que mobilize), mas nem toda a reportagem vibra na comunhão poética, para lembrar Octávio Paz. Seria como um preparo atlético para sair à rua ler testemunhos dos artistas sobre seu povo e seu tempo (MEDINA, 1996). Mas antes de tudo, a fruição necessária do gesto da arte desperta o encantamento e a curiosidade para criar a narrativa da ação social. (Tive o privilégio de ser contaminada também por disciplinas universitárias nos cursos de Letras e Jornalismo no início da década de 1960, em que sensíveis e consistentes mestres nos motivavam para fruir literatura brasileira contemporânea e a leitura cultural de Brasil. Entre outros, João Cabral de Melo Neto, Fernando Sabino, Ricardo Ramos estavam lançando seus livros nessa época).

É com alegria que releio hoje textos da Série São Paulo de Perfil, escritos nos anos 1980, 1990, e percebo a poética da reportagem. Os jovens autores criam narrativas da vida cotidiana, tecidas por uma observação sutil da ação social e criam narradores capazes de vocalizar a fala plural dos anônimos. Percebe-se também que não se encontra nenhum artificialismo formal para pospor jogos literários; melhor, a aventura humana, quando capturada e simbolicamente editada, dá luz própria à narrativa da contemporaneidade. Vale dizer a arte de tecer o presente nasce na relação do sujeito-repórter com o sujeito-protagonista social e a produção de símbolos que se consagra na comunicação social leva a marca da autoria coletiva, porque o mediador-autor traz para sua voz a voz dos outros. Muitas vezes, quando se pretende exercer o chamado jornalismo literário, se faz outro movimento: o autor pretensiosamente se vale do Outro para a ele aplicar um estilo que exhiba suas virtudes literárias. Ou seja, o Outro vira Objeto.

Sociedade-ciência-sociedade

As mediações entre grupos científicos especializados e sociedade trazem dilemas tão ou mais espinhosos para a dialogia quanto os conteúdos comuns da comunicação coletiva. Ao me envolver na pós-graduação com o lugar da linguagem dialógica no espaço da universidade, não tinha ideia quão árdua seria a passagem do signo da divulgação científica para o signo da relação na comunicação social. No fim dos anos 1980, essa reflexão tomou corpo com uma iniciativa acadêmica: o Primeiro Seminário Inter e Transdisciplinar, em 1990, reuniu dez cientistas das diferentes áreas acadêmicas e a **mediação jornalística** se tornou indispensável para a aproximação, intercâmbio e registro dos temas que então angustiavam a todos na epistemologia e nas metodologias científicas. O projeto integrado de pesquisa que, logo a seguir, seria credenciado junto ao CNPq como O Discurso Fragmentalista e a Crise de Paradigmas, recebeu constantes acréscimos ao longo dos anos 1990. Em circulação nacional (incluindo seminários nas universidades do Rio Grande do Sul, do Espírito Santo, do Rio Grande do Norte, da Bahia, de Minas, de Brasília, do Paraná, de Santa Catarina, do Amazonas), bem como em

dois espaços de apoio internacionais – Argentina e Portugal -, constituiu a identidade inter e transdisciplinar, ou seja, além da troca de desafios epistemológicos, as diferentes áreas de conhecimento encontraram problemas comuns, transdisciplinares. A experiência enriqueceu a oficina pedagógica de metade da última década do século passado aos dias de hoje, sob o título de Saber Plural e a Crise de Paradigmas. O convívio dos saberes científicos, cotidianos ou locais e das expressões artísticas está documentado na Série Novo Pacto da Ciência, onze edições que reúnem seminários, artigos científicos, diálogos interdisciplinares e reportagens-ensaio.

Além da pesquisa e ensino (alunos de graduação no Fórum Permanente Interdisciplinar da ECA que produziam a Série São Paulo de Perfil, alunos da pós que participavam da Série Novo Pacto da Ciência, orientandos de mestrado e doutorado), o projeto Saber Plural se estendeu a cursos de especialização, encontros e lançamentos de livros, sempre externos à universidade. Só para citar a coleção São Paulo de Perfil, cada um dos 26 títulos muito bem representa um acontecimento comunicacional nas comunidades afins ao tema tratado. Por exemplo, *A casa imaginária* (1991), um livro reportagem sobre habitação, foi lançado em Vila Cachoeirinha, bairro de São Paulo que tem a memória do primeiro mutirão na cidade. Foi tal a participação dos protagonistas sociais que levaram à prefeitura exemplares de *A casa imaginária* para requerer investimentos urbanos e foi necessária uma segunda edição, porque líderes do movimento quiseram apresentar em um congresso na Holanda livros que testemunhavam questões habitacionais da metrópole paulistana.

A partir de 1999, porém, outro laboratório de experimentação ganhou expressivo significado para o Signo da Relação. Ao assumir a direção de Comunicação Social da USP, de 1999 a 2006, se propôs com esse mesmo título, uma política abrangente para as mídias universitárias. Em sete anos de prática cotidiana, a pesquisa originada no Núcleo de Epistemologia de Jornalismo da ECA deu uma nova dimensão à linguagem dialógica e à metodologia no campo das mediações entre Ciência e Sociedade. Agência de Notícias, Jornal da USP, Revista USP, Rádio USP, acrescidas dos meios então implantadas como TV USP, Portal da USP e Revista Espaço Aberto integraram um complexo laboratorial que passou a experimentar a mudança do signo da divulgação científica para o signo da relação, diga-se, efetiva comunicação social.

Realizados workshops anuais nos campi do Interior da USP junto às assessorias de imprensa das unidades ou das direções, encontros nacionais e um seminário internacional na Universidade de Coimbra em Portugal, foi possível promover dois encontros que sintetizavam reflexões de fontes de informação científica e comunicadores no espaço da Estação Ciência da USP, com a edição do Novo Pacto da Ciência nº 8, lançado em abril de 2005. Esse volume fixa a teoria e a prática do Signo da Relação, ou a comunicação dialógica ciência-sociedade, sociedade-ciência. O exercício cotidiano levado a efeito durante sete anos integrou as equipes de profissionais nesse esforço para reverter mentalidade e comportamentos das narrativas da informação científica. O principal nó de reversão: a inércia da divulgação concentra na vontade dos pesquisadores o ato de liberar ou não os conteúdos especializados e só então recorrer a “divulgadores” para chegar à sociedade.

Nessa concepção, a da divulgação da ciência, os comunicadores no máximo atuam como tradutores linguísticos de um relato mais acessível. Até aí as fontes de informação vão, até admitem que o jornalismo é portador de uma sintaxe comunicativa. Mas estão longe de compreender o signo da relação (MEDINA, 2006). Parece simples alteração semântica, mas na prática envolve a mudança de mentalidades, visão de mundo e comportamentos. A descentralização da fonte científica para a dialogia social, considerando o mediador (jornalista) como autor de uma narrativa articuladora de significados que tanto podem ser dirigidos da ciência para a sociedade como, na inversão dialógica, das demandas sociais para a ciência, se constitui num laboratório de criação, sem garantia de êxito. A estática da divulgação científica impede a mudança do papel de certo office boy qualificado atribuído ao repórter para traduzir os conteúdos liberados pelo cientista para a sociedade. Não é fácil a chamada fonte de informações especializadas aceitar a dignidade e qualificação graduada e muitas vezes pós-graduada de um comunicador, autor de uma narrativa dialógica ciência-sociedade, sociedade-ciência. Os sete anos em que coordenei as mídias da USP ofereceram, além dessa luta diária, reflexões publicadas no livro *O signo da relação* (2006) e na coletânea que organizei no oitavo volume da *Série Novo Pacto da Ciência* (2005), intitulada *Ciência e sociedade, mediações jornalísticas*.

Trilhas desafiadoras da pesquisa

Na área estritamente acadêmica, em mais de três décadas de atividades, o Programa de Pós-Graduação em Integração da América Latina (Prolam) da USP, ao receber mestrandos e doutorandos de várias áreas de conhecimento, oferece a oportunidade de confluências metodológicas perante os diversos desafios das pesquisas. Com quase quatro décadas de implantação, a pós-graduação da Escola de Comunicações e Artes, pioneira na América Latina área, persegue, da mesma maneira que o Prolam, as trilhas mais rigorosas e inovadoras da pesquisa. Nos diversos cursos de pós-graduação em que se integram os dois programas, a discussão epistemológica aflora, seja nas unidades de conteúdo, seja nas dinâmicas de grupo, seja nas demandas dos estudantes, tanto no nível do Mestrado e Doutorado como pós-doutorado. (Os trabalhos de conclusão da graduação seguem orientação integrada aos estudos da pós).

As linhas de pesquisa cruzam tradição e impasses contemporâneos que atravessam a ciência e a metodologia na construção do conhecimento. Os programas recebem uma forte contribuição do contexto em que o grupo do Saber Plural se insere, a destacar o Núcleo de Epistemologia e o Fórum Permanente Interdisciplinar, ambos situados na ECA, mas em interação constante com o Prolam. Os pesquisadores (docentes, alunos de pós e de graduação) convivem no cotidiano da pesquisa, com seminários, leituras e intercâmbios inter, multi e transdisciplinares. Importante reencontrar nesse contexto o lugar da comunicação social e do autor mediador de diferentes saberes, o que as coleções *Novo Pacto da Ciência* (onze exemplares) e *São Paulo de Perfil* (27 títulos), além de artigos científicos e livros de autoria dos pesquisadores atestam há quase quatro décadas.

Na perspectiva cultural convém debater, no século XXI, a herança epistemológica, os grandes influxos das correntes de pensamento e das práticas científicas, indo ao encontro das inquietudes contemporâneas e projetando certas expectativas de futuro. Do ponto de vista pragmático, há sempre motivações imediatas circunscritas às dissertações de Mestrado e às teses de Doutorado, assim como nos trabalhos de conclusão de curso na graduação, em que alunos, orientadores e co-orientadores abrem sua oficina à leitura crítica e buscam a conjugação do rigor acadêmico e a inovação autoral. Muito fecunda tem sido a confluência da inter e transdisciplinaridade no reconhecimento do campo comunicativo como espaço por excelência para o exercício da dialogia nas sociedades democráticas. Confluência entre o que se vem discutindo e aplicando no campo das narrativas da contemporaneidade e as angústias epistemológicas dos parceiros do Saber Plural são inevitáveis.

Laboratório de reflexão e de criatividade, tanto na construção teórica, quanto na abordagem empírica e nas consequências sociais da pesquisa, impõe-se a pedagogia oficial, de intenso intercâmbio metodológico ou plurimetodologia como defende Boaventura Sousa Santos (1989). Aí está outra ênfase na dialogia, desta vez no âmbito da ciência. Se as ciências da comunicação não promovem a necessária troca de inquietudes epistemológicas, não fazem jus ao signo da relação, fundamental no aperfeiçoamento tanto individual quanto grupal em qualquer instituição acadêmica que se preocupe com a geração de novas respostas às demandas histórico-sociais (MEDINA, 2008).

A construção teórica no Jornalismo e na Comunicação Social, como disse antes, oferece uma oportunidade ímpar para o exercício da narrativa dialógica, ou melhor, que persiga todas as composições interativas que se possam desenvolver com os atores sociais e os saberes plurais. E, como sempre insisto, some-se ainda o acesso à leitura cultural pela fruição das manifestações artísticas. O entrecruzamento de visões de mundo e metodologias da ciência e da comunicação social rende uma pauta de estudos na construção e desconstrução dos paradigmas dogmatizados, pois o Signo da Relação mexe profundamente tanto com as ciências humanas quanto com as biológicas, naturais ou da natureza, exatas, tecnológicas, ambientais e quantas mais divisões se fizer. No campo central de atuação, considera-se o REPÓRTER como autor das narrativas dos conflitos que caracterizam a cidadania e os dela excluídos, e as demais esferas a ela afetas, como a própria ciência. Para isso, o comunicador conta com variadas estratégias, quer na rede natural dos contatos corpo a corpo, quer na mídia convencional, quer nas infovias virtuais. (MEDINA, 2014).

Nas encruzilhadas contemporâneas da mediação autoral que se contamina com o aprendizado inter e transdisciplinar, colhem-se subsídios que assim podem que ser resumidos:

1. Consciência histórica: a trajetória dos discursos científicos nas sociedades humanas, seu papel, contradições e impasses, estruturas de poder e decisões, o tempo histórico e a crise de paradigmas na historiografia oferecem aos pesquisadores interrogantes oportunas (LE GOFF, 1984; DOSSE, 2013). Uma das mais inquietantes - caminhamos na evolução e no progresso da Ciência?

2. Ciência e cultura: o lugar a partir do qual se constrói conhecimento científico; as escolhas e as identidades; a emergência científica nas sociedades desiguais. Nesse âmbito, a epistemologia avalia

as consequências sociais do projeto de pesquisa, o dimensiona perante a ação transformadora da universidade.

3. Estudos e aprofundamentos dos saberes plurais: por meio de uma racionalidade complexa capaz de lidar com a coleta e análise dos dados, o pesquisador se vale de metodologias tão consistentes quanto inventivas.

4. Experimentação no processo de construção do trabalho científico e das narrativas da contemporaneidade: descubrem-se momentos de intuição criativa capazes de dar marcas de autoria cultural e individual à pesquisa e/ou ao exercício profissional.

Autor da voz coletiva

No movimento necessário de retorno às balizas disciplinares, após a dialogia inter e transdisciplinar, as narrativas da contemporaneidade produzidas pelo comunicador ganham outra autoria, independente dos suportes tecnológicos. Na partilha de incertezas da racionalidade complexa com outras epistemologias, o técnico de divulgação desmonta conceitos dogmáticos para buscar noções de conhecimento plásticas. Tal dinâmica mental se abre à sensibilização viva do contato com o mundo (o lugar do REPÓRTER) e com a Arte, que o mobiliza para a ação original de AUTOR.

Como agente cultural deixa a rotina conservadora dos significados e escreve (lato senso) uma narrativa que se identifica com a oratura (Povo e Personagem, 1996). Como se aplica essa proposta ao projeto pedagógico? Com a consciência dos riscos inerentes à ruptura das gramáticas estabelecidas no tecnicismo e introduzindo experiências laboratoriais. Estas, para além dos tradicionais exercícios nas mídias escolares, são laboratórios epistemológicos e artísticos que oxigenam a claustrofobia da sala de aula ou dos ambientes técnicos. A mutação de adestramento para inovação autoral é muito rápida, porque o educando se ressentia da atrofia dos cinco sentidos, que o colombiano Luis Carlos Restrepo (1998) nomeia como analfabetismo afetivo. Como chegar ao Outro – aquele com quem o autor dialogou – e Outros que vão ler sua narrativa, sem a rede sensível e complexa da cumplicidade? Costumo dizer (MEDINA, 2014) que essa mediação autoral orchestra a voz coletiva.

Na formação ou contínuo aprendizado dos autores de narrativas da contemporaneidade, pesquisam-se então, nos laboratórios, técnicas competentes, ética solidária e estéticas autorais. Do dia a dia de sucessivas gerações vêm se mapeando novos desafios, discutidos com outros pesquisadores, em geral externos às ciências da comunicação. Um exemplo inspirador é o que vem da relação médico-paciente, tão problemática quanto o signo da relação no jornalismo ou na educação.

Por isso mesmo, há valores que foram assinalados no primeiro seminário inter e transdisciplinar de 1990 como a relação Sujeito-Sujeito no lugar da direção Sujeito-Objeto. Estaríamos vivendo, na Era Digital, um movimento contrário ao desprendimento do EGO, quando a egocentralização se manifesta no Objeto-Eu dos auto-retratos? O esvaziamento da condição histórica do Repórter, assim como a do Educador não causaria danos ao Autor-Mediador investido de

significativo papel de mediar e criar condições para a interação social criadora? A diluição espacial e a fragmentação e/ou estilhaçamento dos símbolos não desnorteia as identidades e desmorona as raízes culturais que proporcionam a cumplicidade humana? As dogmáticas que se põem em curso nas tecnologias contemporâneas não atrofiam a curiosidade, o conflito dos saberes e das verdades nas descobertas interativas do signo da relação? A atrofia das virtualidades sensível e motora não impede o exercício iluminista da racionalidade complexa e conduz, pelo contrário, à racionalidade esquemática?

Quando se põe o carro na frente dos bois, julga-se que as narrativas devem ser estudadas pela forma literária. No entanto, somente mudanças de ferramentas mentais na percepção e observação do mundo vivo, comportamentos interativos do EU-TU (BUBER, 1982), acúmulo e intercâmbio dos saberes disciplinares e fruição da Arte podem inspirar uma estética autoral, o criador de uma assinatura que respira e transpira a coletividade. E diante da riqueza disponível na oratura, o escritor desse texto cria um ou múltiplos narradores. Na cena dramática que a narrativa da contemporaneidade – ou se quiserem, a Reportagem – edita, os conflitos do caos real sustentam o cosmo simbólico e a assinatura coletiva que atravessa um Autor se torna polifônica e polissêmica, descentralizada, democrática. O rigor das referências (dados objetivos, informações colhidas, interpretações especializadas) forma um fundo conceitual, um cenário de ideias que não pode esmagar a saga dos heróis, anti-heróis do protagonismo social em processo. Afinal, está aí a Arte que aponta para a realização das sínteses densas e tensas da aventura humana, com todos os tropeços da dúvida intelectual e da incompletude prática do cotidiano. Diante desse brilho narrativo, a triste e vil pirâmide invertida do jornalismo fica envergonhada.

É nesse momento da reflexão que se valoriza a epifania do mistério e da incerteza. Como transpor esse movediço terreno do imaginário coletivo (BARROS, 2001) para a narrativa? Nenhuma garantia técnica, nenhuma tecnologia, nenhuma intenção política ou literária resguarda a busca eticamente solidária do criador das narrativas da contemporaneidade. Mas estudar com engenho e arte esse processo na oficina pedagógica de cinco décadas tem sido altamente compensador.

Cartas da adolescência

Pela primeira vez precedi, neste texto, a revisão das etapas de estudo disciplinado com a vivência lúdica que o avô Manuel me doou nas duas décadas anteriores à universidade. Cometi uma injustiça que agora corrijo. Os primeiros anos da adolescência foram também marcados pelo outro avô, Armando. Descendente de Alexandre Herculano, cultivou a escritura e me brindou – mistério para a menina de onze, doze anos – com a arte epistolar. Em comunicação a distância, vinham e iam as cartas de Portugal para o Brasil, de Porto Alegre para o Porto, ou melhor, Vila Nova de Gaia do outro lado do Douro. Eram cartas de princípios norteadores que incluíam a moral e a literatura, estimulavam um diálogo que, apesar de desigual na lonjura geográfica e etária, mantinha um respeito mútuo

sagrado. O avô paterno morreu antes do avô materno, mas, penso hoje, os dois me legaram uma herança bendita: o casamento indissolúvel da Oratura com a Literatura.

Referências

- ALTHUSSER, Louis. **Filosofia e Filosofias dos Cientistas**. São Paulo, Martins Fontes, 1981.
- BARROS, Ana Taís Portanova Barros. **Jornalismo. Magia. Cotidiano**. Canoas, Editora da Ulbra, 2001.
- BATESON, Gregory. **Mente e Natureza**. São Paulo, Francisco Alves, 1986.
- BUBER, Martin. **Do diálogo ao dialógico**. São Paulo, Perspectiva, 1982.
- CANCLINI, Néstor Garcia. **As culturas populares no capitalismo**. São Paulo, Brasiliense, 1983.
- CAPRA, Fritjof. **O Ponto de Mutação**. São Paulo, Cultrix, 1982.
- COMTE, Auguste. **Discurso sobre el espíritu positivo**. Madrid, Alianza Editorial, 2000.
- DAMÁSIO, António R. **O Erro de Descartes – Emoção, Razão e Cérebro Humano**. São Paulo, Companhia das Letras, 2003.
- DEL NERO, Henrique Schützer. **O Sítio da Mente, Pensamento, Emoção e Vontade no Cérebro Humano**. São Paulo, Collegium Cognitio, 1997.
- CREMA, Roberto. **Introdução à Visão Holística**. São Paulo, Summus, 1989.
- DOSSE, François. **Renascimento do acontecimento**. São Paulo, Editora Unesp, 2013.
- FERIN, Isabel. **Comunicação e Cultura do Cotidiano**. Quimera, Portugal, 2002.
- FEYERABEND, Paul. **Contra o Método**. São Paulo, Francisco Alves, 1989.
- GOULD, Stephen Jay. **Seta do Tempo, Ciclo do Tempo**. São Paulo, Cia. Das Letras, 1991.
- GRECO, Milton. **A Aventura Humana entre o Real e o Imaginário**. São Paulo, Perspectiva, 1984.
- GUATTARI, Felix. **As Três Ecologias**. Campinas, Papyrus, 1991
- HABERMAS, Jürgen. **Teoria de la Acción Comunicativa I e II**. Madri, Taurus, 1989.
- HARVEY, David. **Condição Pós-Moderna**. São Paulo, Loyola, 1993.
- HELLER, Agnes. **O Cotidiano e a História**. Rio, Paz e Terra, 1992.
- INNERARITY, Daniel. **A Transformação da Política**. Lisboa, Editorial Teorema, 2002.
- KUHN, Thomas S. **A Estrutura das Revoluções Científicas**. São Paulo, Perspectiva, 1987.

- LE GOFF, Jacques. História. In **Enciclopédia Einaudi**. Lisboa, Imprensa Nacional, 1984.
- LLOSA, Mario Vargas. **El Hablador**. Lima, Alfaguara, 2008.
- LOPES, Katuscia. **A leitura sob o signo da relação**. Tese de doutorado sob a orientação de Cremilda Medina, defendida na Universidade de São Paulo em 2010.
- MCLUHAN, Marshall. **MacLuhan por MacLuhan**. Rio, Ediouro, 2005.
- MAFFESOLI, Michel. **O Conhecimento Comum**. São Paulo, Brasiliense, 1988.
- _____. **No fundo das Aparências**. Petrópolis, RJ, Vozes, 1996.
- MAQUIAVEL, Nicolau. **O príncipe**. Rio de Janeiro, Agir-PocketOuro, 2008.
- MARINO JR., Raul. **O Cérebro Japonês**. São Paulo, Aliança Cultural Brasil-Japão, 1989.
- MARTIN – Barbero, Jesus. **Processos de Comunicación Y Matrices de Cultura**. Itinerario para salir e la Razón Dualista. México, Felafacs, 1987.
- MEDINA, Cremilda (org.). Novo Pacto da Ciência, **Primeiro Seminário Transdisciplinar – A Crise de Paradigmas (anais)**. São Paulo, ECA, 1991.
- _____. e Greco, Milton (orgs.) Novo Pacto da Ciência 2, Do Hemisfério Sol: **O Discurso Fragmentalista da Ciência**. São Paulo: ECA/USP: CNPq, 1993; Novo Pacto da Ciência 3, Saber Plural: O Discurso Fragmentalista e a Crise de Paradigmas. São Paulo: ECA/USP: CNPq, 1994; Novo Pacto da Ciência 4, Sobre vivências No Mundo do Trabalho. São Paulo: ECA/USP: CNPq, 1995; Novo Pacto da Ciência 5, Agonia do Leviatã: A crise do Estado moderno. São Paulo: ECA/USP: CNPq, 1996. Novo Pacto da Ciência 6, Planeta Inquieto: Direito ao Século XXI. São Paulo: ECA/USP: CNPq, 1998; Novo Pacto da Ciência 7, Caminhos do Saber Plural: Dez anos de Trajetória. São Paulo, ECA/USP: CNPq, 1999.
- _____. (org.). Ciência e sociedade, mediações jornalísticas. **Novo Pacto da Ciência 8**, São Paulo, Coordenadoria de Comunicação Social e Estação Ciência/USP, 2006.
- _____. e MEDINA, Sinval (orgs.). **Diálogo Brasil-Portugal – século XXI – novas realidades, novos paradigma**. Porto, Portugal, Edições Universidade Fernando Pessoa, 2008.
- _____. **Notícia, um produto à venda, jornalismo na sociedade industrial**. São Paulo, Summus Editorial, 3ª edição, 1988.
- _____. **Povo e Personagem**. Canoas, Editora da Ulbra, 1996.
- _____. **Ciência e Jornalismo**, da herança positivista ao diálogo dos afetos. São Paulo, Summus Editorial, 2008.
- _____. **A Arte de Tecer o Presente, Narrativa e Cotidiano**. São Paulo, Summus Editorial, 2003.
- _____. **O Signo da Relação**. Comunicação e Pedagogia dos Afetos. São Paulo, Ed. Paulus, 2006.
- _____. (org.). **Povo e personagem**, sociedade, cultura e mito no romance latino-americano. São Paulo, Fundação Memorial da América Latina, 2008.

- _____. **Casas da Viagem, de bem com a vida ou afetos do mundo.** São Paulo, edição da autora, 2012.
- _____. **Atravessagem,** reflexos e reflexões na memória de repórter. São Paulo, Summus, 2014.
- _____. Créateur de signature collective ou artisan du dialogue social, in LE CAM, Florence e RUELLAN, Denis (orgs.), **Changements et permanences du journalisme,** Paris, L' Harmattan, Communication et civilisation, 2014.
- MERTON, Robert K. Sociologia, **Teoria e Estrutura.** São Paulo, Mestre Jou, 1970.
- MORIN, Edgar. **Introdução ao Pensamento Complexo.** Lisboa, Publicações Instituto Piaget, 1991.
- _____. **Sociologia.** A Sociologia do Microsocial ao Macroplanetário. Portugal, Publicações Europa – América, 1998.
- _____. **Para Sair do Século XX.** Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1986.
- _____. **O Método: 4.** As idéias – Habitat, vida, costumes, organização. Porto Alegre, Sulina, 1998.
- _____. **La Méthode – La Nature de la nature.** Paris, Suil, vol.1, 1977; **La MÉTHODE – La Vie de la Vie,** Paris, Seuil, vol.2, 1980; **La MÉTHODE – La Connaissance de la Connaissance,** Paris, Seuil, vol.3, 1986.
- PRIGOGINE, Ilya. **O Fim das Certezas.** São Paulo, Editora Unesp, 1996.
- _____. **El Nacimiento Del Tiempo.** Barcelona, Tusquets, s/d.
- RESTREPO, Luis Carlos. **O Direito à Ternura.** Petrópolis, RJ, Vozes, 1998.
- ROUANET, Sérgio Paulo. **As Razões do Iluminismo.** São Paulo, Cia. das Letras, 1987.
- SANTANA, Alex Sander Alcântara Lopes de. **Dissertação de mestrado Sentidos da metrópole,** Série São Paulo de Perfil na mediação do espaço urbano, sob a orientação de Cremilda Medina, defendida na Universidade de São Paulo em 2009.
- SANTOS, Boaventura de Souza. **Introdução à Uma Ciência Pós-Moderna.** Rio de Janeiro, Graal, 1989.
- SANTOS, Maria Antonia. **A Estratégia Inteligente.** Lisboa, Monitor, 1992.
- SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço.** São Paulo, Hucitec, 1996.
- SANVITO. W. **O Cérebro e suas Vertentes.** São Paulo, Panamed, 1982.
- SCHNITMAN, Dora Fried. **Novos Paradigmas,** Cultura e Subjetividade. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.
- SILVA, Augusto Santos e Pinto, José M. **Metodologia das Ciências Sociais.** Porto/Portugal: Edições Afrontamento, 1986.
- TAYLOR, Jill Bolte. **A cientista que curou seu próprio cérebro.** Rio, Ediouro, 2008.

VARGAS, Raúl Osorio. Tese de doutorado **A função da fala na pesquisa da reportagem literária: o homem das areias, um flagrante do diálogo oralidade-escrita**, sob a orientação de Cremilda Medina, defendida na Universidade de São Paulo em 2003.

WEBER, Renée. **Diálogos com Cientistas e Sábios**, a Busca da Unidade. São Paulo, Cultrix.

ZUFFO, João Antonio. **A Infoera**, o imenso desafio do futuro. São Paulo, Saber, 1997; **A Sociedade e a Economia no Novo Milênio**, Livro I- a Tecnologia e a Infossociedade, Livro II – Macro economia e empregos. São Paulo, Manole, 2003.